

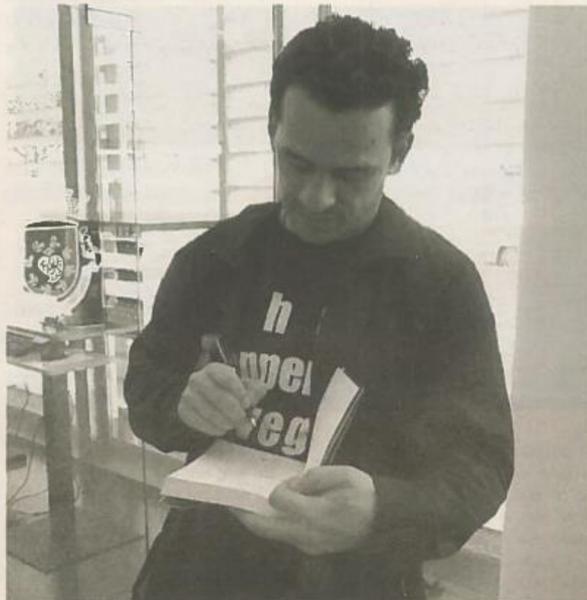
Ventos do Sul entre letras e teclas de piano

“Cemitério de Pianos” o novo livro de José Luís Peixoto, apesar do título lembra-nos a vida e o legado vivo de quem nos deixa

Pedro Estorninho (Texto e Fotos)

No passado dia 18 a biblioteca municipal de Gondomar ficou mais rica com a apresentação, pelo seu autor, do livro “Cemitério de Pianos”. Este evento contou com uma particularidade, foi destinado aos alunos da escola secundária de Rio Tinto. Em conversa com o «Progresso de Gondomar», o autor confessa “Estas apresentações, estas conversas com os alunos, que tenho realizado por todo o país, estimulam-me imenso. Existe uma frontalidade, honestidade nas questões que estes jovens me colocam que não são comuns nos encontros dos círculos intelectuais. Quando refiro honestidade e frontalidade, digo-o como despreocupação, falam comigo como com um colega e isso é ótimo.”

O autor foi também presenteado pela escola, com uma leitura encenada de excertos do seu livro. Os alunos Diogo Conde, Ágata Duro, Vasco Silva, Margarida Lourenço, Rute Cruz e Catarina



José Luís Peixoto

Freitas dirigidos pela professora Emília Reis, leram, encantaram e deram forma ao livro.

Sobre o novo livro José Luís Peixoto

diz-nos “Este é o meu livro mais otimista. Dos que eu já publiquei é o único que não descreve uma única situação de morte. Aqui só relato nascimento. Nes-



momento de leitura

sa medida acho que é um livro que fala de optimismo.”, sobre a personagem Peixoto fala com uma certa paixão, “O que para mim foi mais interessante foi

a própria história de Francisco Lá. Quanto mais se sabe sobre ele mais interessante se torna. De certo modo Francisco Lázaro representa aquele Portugal que, por vezes, é capaz de se enturmar de uma maneira exacerbada e ao mesmo tempo é capaz de um desânimo grande e, de certa forma, acaba por morrer na praia.”

Acerca do título Peixoto explica: “Neste espaço existe uma zona onde estão os pianos que já não têm concertos aí que acontecem muitas das situações essenciais do romance. Ao mesmo tempo esta oficina serve de metáfora da continuidade. Os pianos estão a certa forma mortos mas as peças continuam a viver noutros pianos. Logo, pois, os pianos estão ligados à música e a música é o indizível.”

José Luís Peixoto nasceu em Galveias no norte Alentejo no ano de 1974. Licenciou-se na universidade nova de Lisboa em línguas e literaturas Moderna e Contemporânea. A sua obra conta com uma vasta obra de poesia, romance, conto, crónica e teatro, premiado com o prémio literário Saramago, com o seu romance «nenem Olhar», os seus livros estão traduzidos em várias línguas, de momento presentes em traduções para Hungria e Japão.

José Luís Peixoto um escritor que vale a pena visitar e revisitado.

Crónica

A Revolução



PEDRO ESTORNINHO
Chefe de Redacção

Recordo vivamente uma frase que o maestro Francisco D'orey (o Chico D'orey) me disse, ainda habitava eu quase em Alentejo profundo em terras de Portel, frase essa que sub-escrevo e que me fez realmente pensar na verdadeira revolução, a cultura. A frase ditava assim “Quando andei com o Giacometti, vi pela primeira vez uma coisa, os reais fazedores de cultura e isso é que é revolução.”

Além de me recordar vivamente da frase, recordo-me com carinho e muita saudade do local (espaço físico) castelo de Portel e de estarmos a ser beneficiados com uma lua que nos fazia lembrar a idade do tempo.

Mas regressando ao assunto que me fez lembrar o Chico mais a sua frase e a filosofia que a precede, sobre realmente a cultura ser a grande revolução, darei como primeiro exemplo a Grécia antiga. Nas conhecidas Maratonas Teatras, todos os envolvidos, desde criadores a público, estavam dispensados de todos os compromissos, para apenas cumprirem um, o do Teatro, fazendo com que a arte fosse o grande acto de cidadania. Claro que tudo isto com o devido apoio (como dizemos agora subsidiado). Época que cidadão não o era, só o seu limite fosse o interior da sua janela e não o

que ela lhe permitisse alcançar.

Para não nos confinarmos à Grécia, vamos ao reinado de D. Manuel e Dona Leonor a Velha, no qual em 1502 nasce o menino que viria a ser El Rey D. João III, nascimento esse que é comemorado com uma peça de um senhor chamado Gil Vicente cujo nome era “Auto da Visitação” ou “Monólogo do Vaqueiro”, estávamos em 1502 e celebrávamos acontecimentos tão importantes como o nascimento de um futuro rei com arte, que atrasados estamos hoje em 2007 confinados a celebrações com enfadonhas cometas discursos apagadiços e pouco mais.

Continuando ainda na viva arte do palco e avançando um pouco no tempo, como foram lançadas as ideias, essas transformadoras ideias do iluminismo? Através da arte, da literatura, do teatro, da troca de ideias, da troca de conhecimento e do bom uso do verbo.

Se ainda restam dúvidas sobre a importância da arte na revolução da humanidade, lanço aqui uma pergunta e se possível aguardando resposta: porque é que todos os ditadores e sistemas de opressão quando roubam o poder, tomam logo como iniciativa aniquilar, artistas, criadores em todas as suas vertentes e expressões?

Em Espanha durante a guerra existiu um dos maiores ícones da poesia contemporânea, Federico Garcia Lorca, que durante essa mesma infeliz guerra organizava teatro de fantoches em sua casa para as crianças durante o horário das refeições e à noite aos serões, maior parte desses meninos o que tinha par comer seria meia côdea de pão sabe-se lá em que condições. É disto que se trata caros leitores, arte para matar a fome

e criar algo de diferente dentro daquele ambiente de terror franquista. Acredito piamente, que essas crianças que lá estiveram, são hoje grandes cidadãos e bons humanos.

Voltando ao nosso país, quanta da verdade e do combate à ignorância, se realizou através da pena e do papel escrito pelos nossos neo-realistas, exemplos temos como “Cerro maior” de Manuel da Fonseca, “A Lá e a Neve” de Ferreira de Castro, entre outros. Mas antes desses já tinham existido outros como Eça de Queirós, Almeida Garrett, Raul Brandão e muitos mais como o tal poeta que escreveu “...não vou por aí.” Mas antes desses ainda existiram outros esse Damião de Góis, Fernão Mendes Pinto, e mais tantos e tantos.

Não vos maço mais meus caros leitores, termino apenas deixando o nosso Zeca intervém:

*Grândola vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti ó cidade
(...)*

*Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da fraternidade
(...)*

*À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade*

